

Os Cem Dias do Governo FH

ELIO GASPARI

Carlos foi à posse de Fernando. Educado em Harvard, era considerado pela revista "Fortune" um dos 25 homens de negócios mais interessantes do mundo. "Um exemplo de seriedade, energia e firmeza", segundo John Reed, presidente do Citibank. Carlos circulou discretamente pelas festas de Brasília. Festas de terceira. O presidente eleito, chegando ao Congresso num Rolls-Royce velho e inútil, parecia um soba africano voltando de Londres. Seu discurso de posse, mistura desconexa de pretensão e banalidade, traía uma assessoria com mais ambição do que idéias. O jantar, um desastre. Ruth Cardoso vestia um modelito do costureiro japonês Issey Miyake (se a imperatriz Michiko aparecer numa festa em Tóquio vestindo Ocimar Versolatto, o micado se acaba e se proclama a república). Com seus olhos miúdos e vivos, careca injusta para seus 47 anos e um bigode que lhe dá uma expressão de eletrodoméstico, Carlos vivera a santidade e passava pela posse de Fernando a caminho da danação. O imperial presidente mexicano Carlos Salinas de Gortari, símbolo de uma nova América Latina, deixara o Governo dias antes. Hoje é um morto-vivo exilado nos Estados Unidos. Aquilo que nele foi *La Modernidad* se transformou em miséria, a austeridade em roubalheira, a sabedoria econômica em impostura. A presença de Salinas na posse de Fernando Henrique Cardoso foi um daqueles momentos da vida real dos poderosos latino-americanos que demonstram quão recatada é a imaginação da literatura fantástica.

Amanhã Fernando Henrique Cardoso completa seus primeiros Cem Dias de Governo. Dos cinco dedos de sua mão, temas da plataforma de Governo com que se elegeu — Agricultura, Educação, Emprego, Saúde e Segurança — fez quase nada. Deu uma aula teatral na cidade baiana de Santa Maria da Vitória (para os alunos que tinham uniforme completo) e visitou um colégio na periferia de Diamantina (de onde já retiraram os telefones públicos instalados às vésperas da imperial inspeção). E mesmo assim Fernando Henrique Cardoso conseguiu o melhor início de Governo dos últimos 16 anos. Itamar Franco entrou em campo com um Ministério de várzea e uma política de varejo



Luiz Carneiro



Luiz Carneiro

neurastênico da qual só se livraria anos depois, com o Plano Real. Cem Dias depois da posse, Collor de Mello já presidia o colapso de seu projeto econômico. Sarney não teve início de Governo porque assumiu uma Presidência alheia e, mesmo depois da morte de Tancredo Neves, governou com o Ministério mal-assombrado. Ganha de todos o general João Baptista Figueiredo, porque em 1979 gastou os primeiros Cem Dias costurando o projeto de anistia política que pacificaria o país.

Os Cem Dias de Fernando Henrique foram os melhores dos últimos 16 anos porque ele manteve a estabilidade da moeda e desviou o país do rumo da catástrofe mexicana. Na verdade, desviou-se da catástrofe que seu projeto político e sua campanha eleitoral teceram. Elegeu-se com um Brasil que não existe mais, porque nunca existiu. Não existe um Brasil em que todo o empresariado apóia a sério um só candidato a presidente, assim como nunca existiu o Brasil das importações do ministro Ciro Gomes. (Nas

“ O Serra está na mesma situação do Carlos Lacerda. Por enxergar antes, parece que enxerga demais ”

senador Antônio Carlos Magalhães

contas do próprio Fernando Henrique, elas custaram US\$ 3 bilhões.) Nunca existiu também um Brasil com a credibilidade do Congresso aviltada ao nível do início do ano passado. Também não existe o real mais forte que o dólar. Nem o país dos restaurantes chiques de Brasília. No Vecchia Cucina, quando alguém pede ao garçom do bar água com gás, recebe uma garrafinha de Perrier. No bar do Hotel Georges V, em Paris, o garçom não abre Perrier sem perguntar antes. No menu do Francisco (Academia de Tênis) há mais marcas de grappa do que no Alfredo de Roma.

Tomado pela cenografia, Fernando Henrique Cardoso atrapalhou-se. Disse que não nomearia ministros por injunções políticas e acabou

entregando a poderosa Secretaria da Integração Regional ao paraibano Cícero Lucena, de quem mal ouvira falar. (Nada demais, Tancredo Neves nem sequer quis saber o nome do último ministro escolhido para seu gabinete. Era Flávio Peixoto, do Urbanismo.) Presidiu uma desastrosa desvalorização cambial. Anunciou que governaria com um Ministério sem divergências públicas e acreditou até mesmo na possibilidade de funcionamento de um Conselho Político. Disse que não pretendia congestionar o Congresso com seus projetos de reformas e jogou-lhe em cima um papelório confuso e venenoso. Confidenciava que José Serra não seria ministro, entregou-lhe

o Planejamento, e nove em dez oráculos nacionais garantem que o senador paulista é hoje a caneta mais poderosa da República.

Fernando Henrique praticou nos primeiros Cem Dias de governo o estilo "devagar e sempre" que o levou do exílio ao Planalto. A caneta de Serra não é a maior da República e talvez seja até menor do que ele próprio gostaria. O senador Antônio Carlos Magalhães, com o seu conhecimento da alma da República, explica-o: "O Serra está na mesma situação do Carlos Lacerda quando ele dizia que, por enxergar antes, era visto como uma pessoa que enxergava demais". Serra parece poderoso porque, tendo denunciado a insensatez do câmbio sobrevalorizado, assistiu à remarcação do real. Da mesma forma, tendo combatido o escancaramento das importações, viu o presidente informar o fim da "farra dos importados". Nem o real foi desvalorizado porque Serra teve poder, nem a alíquota das

importações subiu para agradar a ele. Ele simplesmente tinha razão. (Além disso, sobra-lhe astúcia para dar a impressão de que não tem nada a ver com o desastre do projeto de reforma da Previdência, quando, na realidade, foi um dos responsáveis pelo empurramento do Congresso.)

Afora a correção de curso na política econômica, Fernando Henrique praticou nos seus primeiros Cem Dias de governo um memorável estilo de relações com o Congresso. Quando percebeu que um Governo sustentado pela estabilidade da moeda estava se transformando numa administração aprisionada numa batalha parlamentar pela aprovação das reformas constitucionais, recuou com uma humildade aparentemente incompatível com sua legendária vaidade. Com 34 milhões de votos na carteira, assumiu com assessores falando em reforma relâmpago da Constituição e em montagem de uma superbancada que o coroaria Superfernando. Esse professor que tem uma incrível capacidade de rir de si próprio e se diverte contando histórias embaraçosas de seus melhores amigos (chama os sábios econômicos de seu Governo de "os suíços") não acredita nas fantasias oficiais, nem mesmo quando as propaga. Chamou de "fracassomaníacos" aqueles que alertavam para os efeitos da crise mexicana sobre o real e, um mês depois, confessou que se dera conta do perigo da sobrevalorização antes mesmo do colapso do peso. Quando ele critica o "nhenhê" dos sindicalistas e os "bufos e arreganhos" do conservadorismo, coloca uma pitada de humor vocabular no pobre debate nacional, mas nada além disso. Fernando Henrique Cardoso zangado é uma contradição em termos, até porque quem o conhece garante: ele não mata as pessoas falando; mata-as esquecendo-as.

Produto de uma coligação de interesses econômicos e políticos destinada a derrotar a candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva, Fernando Henrique vive a verdadeira solidão do poder. Lula faz-lhe uma falta danada. Se ele pudesse continuar em campanha contra o sapo barbudo, estaria no melhor dos mundos. Sua virtude nos Cem Dias foi livrar-se do lado mexicano do fernandismo. Fez isso com algum nhenhê, alguns bufos, nenhum arreganho, devagar e sempre.